

Bullying, violência silenciada



Manuela Matos Monteiro

O tema da violência escolar tem sido alvo de uma preocupação crescente nas últimas duas décadas, quer por parte da sociedade em geral, quer por parte da comunidade educativa em particular. Esta preocupação com a temática da violência tem-se traduzido num grande aumento da investigação sobre este tema, em especial sobre um tipo específico de violência escolar – o *bullying*.

O *bullying* não é um fenómeno novo nas escolas. Já no século XIX, Thomas Hughes descreve, no seu livro *Tom Brown's School Days*, como um rapaz em situação de internato foi submetido, por um grupo de jovens mais velhos, a dolorosas e sádicas queimaduras em frente a uma fogueira.

Segundo alguns peritos, o *bullying* pode ser definido como uma acção em que um ou mais indivíduos agridem física, verbal ou emocionalmente outro. Não se trata de uma zanga entre amigos, nem de uma cena de ciúmes, mas de um padrão repetido de intimidação física e psicológica, cuja intenção é provocar mal-estar, ganhar controlo sobre o outro e demonstrar poder. Embora este fenómeno varie consoante as características da escola, a sua população e respectiva cultura, é identificado em todos os estratos sociais, ou seja, ocorre tanto em escolas de bairros degradados como em colégios particulares. Curiosamente, o tipo de agressão usada varia com

“A longo prazo, as crianças vítimas de bullying começam a perceber-se como sendo inferiores e a acreditar que merecem ser agredidas, desenvolvendo uma mentalidade de vítima.”

a idade e com o género: as raparigas parecem usar mais o *bullying* social, caracterizado por ofensas, humilhação e disseminação de rumores e ditos, que têm um efeito de exclusão social. Os rapazes, por sua vez, usam mais a provocação e a violência física e psicológica. Os três intervenientes que habitualmente estão envolvidos neste fenómeno são o agressor, a vítima e as testemunhas.

Os agressores

Quanto aos agressores, são geralmente jovens com problemas emocionais ou com problemas de aprendizagem. Muitos deles sentem-se impotentes para lidar com os problemas do dia-a-dia e são vítimas de agressividade no seio da sua própria família. Factores individuais parecem também influenciar a adopção de comportamentos agressivos. Os factores mais relevantes são: impulsividade, dificuldades de atenção, défices cognitivos e desempenho escolar deficiente.

Os estudos mostram ainda que o agressor tanto pode ser inseguro e ter baixa auto-estima, como ser seguro, mimado e habituado a obter tudo aquilo que deseja. Um dos aspectos importantes a sublinhar relativamente a ele é que está consciente do que está a fazer: humilhar o outro para sentir que tem controlo. As consequências negativas do *bullying* repercutem-se em todos os intervenientes neste processo, incluindo os agressores. Estes apresentam tendência para a depressão e para ataques de culpabilidade, mantendo-se esta tendência, por vezes, por longos períodos.

As vítimas

As vítimas são geralmente crianças que apresentam características físicas específicas (usar óculos, excesso de peso), maneirismos ou outras particularidades que as distinguem da maioria. As crianças portadoras de deficiência, de uma doença crónica ou cujos pais são demasiado protectores ou dominadores são frequentemente vítimas de agressão por parte dos seus colegas. Os bons alunos podem também ser alvos preferenciais, pois as

boas notas são muitas vezes percebidas pelos agressores como o resultado da “graxa” dada aos professores.

Segundo Allan Bean, especialista nesta área, uma mudança repentina na assiduidade e no desempenho escolar, a perda de apetite, sintomas físicos como dores de cabeça e de barriga, pesadelos, quebra de auto-estima e súbitas mudanças de humor são alguns dos principais sinais de alerta para os quais pais e professores deverão estar atentos. A longo prazo, as crianças vítimas de *bullying* começam a perceber-se como sendo inferiores e a acreditar que merecem ser agredidas, desenvolvendo uma mentalidade de vítima. Estas crianças são também mais vulneráveis à depressão e ao suicídio, quando comparadas com o seu grupo de pares.

As testemunhas

Um outro grupo que é afectado pela agressividade são as testemunhas ou espectadores. Estes, ao assistirem às situações de ameaça ou humilhação, ficam chocados, mas não conseguem reagir. Muitas vezes, sentem-se mesmo culpados por não terem intervido ou procurado ajuda. No entanto, acabam por recear serem as próximas vítimas. Este medo leva a que muitas vezes reajam de forma semelhante à própria vítima: tentam evitar a situação e podem mesmo desenvolver sintomas físicos, tais como dores de cabeça e de estômago. Apesar dos observadores normalmente expressarem preocupação relativamente aos maus tratos infligidos às vítimas, muitas vezes culpam-na, pois consideram que, se estas são abusadas, então devem ter feito algo de errado para o merecer.

Prevenção e combate

Sendo o *bullying* um fenómeno de grande gravidade, torna-se urgente uma exaustiva reflexão acerca de medidas que visem a sua prevenção e combate.

O insucesso escolar acumulado é fonte de frustração, podendo a revolta que dele resulta

“O local da escola onde o bullying é mais frequente é o recreio, sendo a sua fraca supervisão uma das razões principais para que tal aconteça.”

traduzir-se em actos de violência. O combate ao insucesso é uma poderosa estratégia para reduzir a violência escolar, passando esta por medidas como: gestão flexível do currículo, adopção de medidas educativas especiais para alunos com NEE, adaptação dos processos de avaliação.

Na sequência de um estudo sobre prevenção das práticas agressivas entre crianças, realizado por Beatriz Pereira, em 2002, esta conclui que a resolução do problema da violência passa também pelo reforço da formação inicial dos futuros docentes, uma vez que uma grande lacuna na formação inicial destes se situa ao nível da aquisição de estratégias no sentido de controlar a indisciplina e a violência.

A consciencialização de toda a comunidade educativa para as questões relacionadas com a violência em contexto escolar e a adopção de políticas de tolerância zero relativamente a ela é também fundamental. Os professores devem sensibilizar os alunos para o problema do *bullying*,

aproveitando as aulas de Formação Cívica para abordar este tema e para lhes transmitirem técnicas de prevenção da violência ao longo do seu percurso escolar. Por outro lado, os professores, os auxiliares de acção educativa e os encarregados de educação devem receber formação no sentido de adquirirem conhecimentos sobre estratégias de gestão da raiva e alívio do *stress*, assim como outras informações indispensáveis à implementação de soluções para prevenir a violência.

O local da escola onde o *bullying* é mais frequente é o recreio, sendo a sua fraca supervisão uma das razões principais para que tal aconteça. Face a isto, torna-se urgente repensar os recreios. Em primeiro lugar, é fundamental resolver o problema da falta de vigilância destes, pois as crianças, ao serem deixadas sós, muitas vezes têm conflitos em resultado da dificuldade em se organizarem. Para além disto, é fundamental reinventar estes espaços, já que estes muitas vezes são reduzidos, superlotados, sem equipamento de jogo, monótonos e com pouca diversidade de actividades. Espaços com estas características e sem a devida vigilância tornam-se potenciais barris de pólvora, onde a violência facilmente explode.

A família tem também um papel determinante no combate à violência escolar. Sempre que a ligação entre ela e a escola é fomentada, estão a ser dados passos importantes no combate ao *bullying*, uma vez que o trabalho conjunto de pais e professores é determinante para identificar e retirar o papel de vítimas e agressores a alunos que, por qualquer motivo, o assumiram.

Do exposto pode concluir-se que só com um ataque em diferentes vertentes será possível travar este fenómeno, que, apesar de ser ainda pouco conhecido dos adultos, constitui uma das maiores preocupações dos jovens portugueses entre os 10 e os 18 anos de idade, provavelmente porque um número elevado deles já esteve envolvido em incidentes de agressividade, quer como vítimas, quer como agressores. :



Manuela Matos Monteiro

Adriana Campos, psicóloga